

O REAL EM CACOS, OS OBJETOS A NA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA

Tania Coelho dos Santos¹

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Professora Associada II do Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ, Membro da Associação Mundial de Psicanálise, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Presidente da Associação Núcleo Sephora de Pesquisa, Pesquisadora-bolsista de produtividade em pesquisa nível 1C, Editora de aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora

O comentário desse caso clínico visa, principalmente, discutir o modo pelo qual opera um analista. Baseia-se, inicialmente, nas formulações lacanianas acerca do objeto a no Seminário X: “L’Angoisse”. Acrescento, em seguida, algumas fórmulas do Seminário XVI: “D’un Autre à L’Autre”, sobre esse conceito, para introduzir a teoria dos quatro discursos. Finalmente, retomo alguns dizeres de Lacan no Seminário XXIII: “Le Sinthome”, para ilustrar uma redefinição do lugar do analista.

No Seminário X, o objeto a é um resto da indiferenciação primeira do sujeito no campo do Outro e, neste nível, funciona como causa. Logo, ele deriva de lalíngua e não da linguagem. O objeto a é uma forma primitiva do sujeito. O sujeito da fala, ou não é ainda, ou está em vias de advir, ou está apagado pelo objeto. Pode-se dizer - correndo o risco de parecer contraditório - que o sujeito, em certas experiências do inconsciente real, é o objeto.

O objeto pode ser definido ainda como um significado do Outro. O sujeito em posição de objeto do Outro, é falado, é visado pelo Outro em seu ser mais essencial que é seu corpo. Por essa razão, o objeto a pode ser definido como o resto de literalidade do significante, libra de carne, marcado a ferro e fogo pelo significante do Outro ($S1/a$) mas, resistente à substituição metafórica. É o objeto da angústia, tempo da constituição subjetiva entre o gozo e o desejo. Ao correlacioná-lo à experiência da angústia, privilegiamos o seguinte aspecto topológico: trata-se de um objeto em queda, pelo efeito do encontro com o analista, com a interpretação, com o desejo do Outro.

¹ Membro da EBP/AMP e Coordenadora do Nucleo Sephora de Pesquisa

O objeto a é a forma primitiva de inscrição do sujeito no campo do Outro. Este último fala do sujeito soletrando seu corpo, com os signos de língua, em forma de buracos no real, originalmente, sem forma do corpo. É identificado a uma destas letras escritas em seu corpo, que surge o sujeito do significante (S1-S2) no campo da fala. A fala é um ato que precipita a queda do signo (S1/a), que mantém o sujeito na posição de objeto de gozo do Outro. Por isso, ela é sempre precedida pela angústia, único afeto que não engana porque sinaliza a presença do real, do desejo do Outro.

Ele tem uma afinidade de estrutura com o corte, e remete aos quatro objetos parciais. Os objetos primários do desejo são o olhar e voz. E os objetos que surgem, secundariamente, no campo da demanda são o seio e o dejetivo. O lugar do analista, neste momento do ensino de Lacan, é o do desejo do Outro. Equivale ao vazio – que fora do sentido – opera a separação entre o sujeito e os objetos do seu fantasma. Neste momento, o falo é o objeto, condensador do gozo auto-erótico que enoda os registros simbólico, imaginário e real. Essa definição permite organizar uma equivalência, nesta época, entre o Nome do pai, o falo, o desejo do Outro e o desejo do analista.

Do desejo do Outro ao objeto mais de gozar

Ao longo do ensino de Lacan, o falo deixa de ser o único objeto amboceptor entre o gozo e o Outro. Lacan promove, no Seminário XVI, a insuficiência do falo em ordenar os registros pois, não há relação sexual. O falo é rejeitado, desde então, ao mesmo lugar, fora do sistema, que a Coisa (das Ding). Para o ser falante, a relação sexual é foracluída. No Seminário XVI, Lacan não aborda o objeto *a* pela vertente de resto de corpo agarrado à máquina significante. Vai recuperá-lo, ao nível do discurso, como um efeito de mais valia, de lucro, de mais de gozar, acentuando o seu caráter de algo em excesso produzido pelo discurso.

Para delimitar a natureza desse excesso, Lacan sublinha a importância central - nas diferentes estruturas clínicas - das manobras para colocar uma distância (defesa) na relação com o gozo. O paradigma é a estrutura histérica. A histeria consiste em elevar o gozo à

dimensão do absoluto e, furtando-a a ele, promover no lugar do gozo o vazio como causa. Diferentemente da histérica, o neurótico obsessivo manobra sua distância com respeito ao gozo por meio da idealização do mestre, que ele se recusa a ser. Lacan nos apresenta uma nova versão sobre a estrutura perversa, destacando as manobras, de que este se serve, para obturar o vazio no Outro.

A neurose, o mal-estar na civilização ganham um novo estatuto. Não é o déficit da simbolização, a carência metafórica, a insuficiência do desejo do Outro que as justifica. O objeto a não é um simples resto de literalidade do corpo agarrado à máquina significante, que o falo viria deslocar, metaforizar, elevar à dimensão significante. O objeto a começa a ganhar o estatuto de um elemento equivalente ao significante e que poderá, na estrutura quaternária dos discursos, ocupar os lugares reservados para o significante mestre ($S1$), o saber ($S2$) e a verdade ($\$$).

Durante as manifestações de maio de 1968, quando o estruturalismo é rebaixado pela esquerda a um teoricismo, Lacan aprofunda a articulação lógica da experiência analítica. Ele dirá que: “o mais essencial da teoria psicanalítica é que ela é um discurso sem palavras” (Lacan, 2006: pag.11). Essa definição que promoverá no Seminário XVII: “L’envers de la psychanalyse”, a estrutura da experiência psicanalítica a um discurso, introduz o lugar do analista como idêntico ao do objeto a . Ele se faz idêntico a esse excesso que não pode ser integrado à máquina significante: a pulsão.

No Seminário XX: “Encore”, a abordagem do sujeito como significante é superada pelo termo ser falante. Lacan promove um novo termo em lugar do excesso da causa do desejo: o Real da inexistência da relação sexual. Os sintomas do homem e da mulher ganham o novo estatuto de suplências à relação sexual que não há. Não são mais reduzidos a duas formas do excesso: mais de gozar (lucro) e gozo à menos (perda/dejeto).

No Seminário XXIII: Le Sinthome, Lacan promove em lugar da causa do desejo, a responsabilidade pelo gozo. O gozo devém idêntico à suplência que se ergue como defesa contra o insuportável do Real. Saber fazer com o real consiste em inventar um modo de tratá-lo. Ao final de uma análise, resta a identificação ao sinthoma ou, a responsabilidade pelo modo

singular de gozar do inconsciente. Como não há equivalência entre os sexos, o parceiro se sustenta do sinthoma. Uma mulher é para um homem, um sinthoma. O homem é para uma mulher, tudo que lhes convier, uma aflição, pior que um sintoma. (Lacan, 2005: pag. 101)

Sobre o lugar do analista, Lacan dirá nessa ocasião duas coisas que nos interessam aqui. A primeira define o lugar do analista como idêntico ao do parceiro sexual: “o psicanalista não pode ser concebido de outra forma, senão como um sinthoma. Não é a psicanálise que é um sinthoma, é o psicanalista.” (Lacan, 2005: pag. 135) A segunda define o modo como o analista opera: Deus criou a mulher como uma ajuda contra o homem. “O psicanalista é uma ajuda sobre a qual podemos dizer que se trata de uma reversão dos termos do Gênesis, pois o Outro do Outro é o que eu acabo de definir, agora mesmo, como esse pequeno buraco aí. Que esse pequeno buraco possa fornecer uma ajuda, é nisso que a hipótese do inconsciente pode dar seu suporte.” (ibidi:pag. 136) O objeto a ocupa o lugar do agente no discurso psicanalítico mas, o psicanalista é um sinthoma.

Lacan prossegue precisando que quando a psicanálise triunfa, ela prova que: “podemos prescindir do Nome do Pai, à condição de nos servirmos dele.” (ibidem: pag. 136) Em seu comentário sobre essa afirmação Miller acrescenta: “Em contrapartida, se podemos prescindir do Nome do Pai, parece que não podemos prescindir do analista”.²

O desejo do Outro, o objeto a causa do desejo, e o parceiro-sinthoma

No dispositivo analítico, o analista, pode ser definido como “desejo de um ser falante.” Tanto no sentido subjetivo quanto objetivo. É um ser falante quem deseja essa coisa, muito peculiar, que é dar a voz ao desejo de um outro ser falante. Esse desejo do analista, onde ele se deixa surpreender? De acordo com a minha experiência, como qualquer outro desejo nascente, é um desejo em vias de advir. É a angústia que precede o desejo como um ato de fala ou como um ato na linguagem. A angústia do lado do analista, sabemos que se apresenta sob as formas da contra transferência. Essa é outra maneira de dizer que o desejo do analista *não é sem* a contra transferência. O objeto a de nossa angústia deve ser para nós o sinal de que o real

² Miller, 2006/07 Curso de orientação Lacaniana, aula proferida em 13/12/2006

está na área. Por essa razão, a clínica psicanalítica é uma clínica do real e não uma clínica dos afetos ou das significações.

O objeto a opera, no discurso analítico, em posição de agente. Um analista, entretanto, não é, ele próprio, o objeto *a*. Um analista não é idêntico à causa do desejo. Ele sofre seus efeitos, assim como padece do Real como impossível. Ao final de sua própria análise, o analista torna-se, em consequência de ter atravessado essa experiência de um discurso sem palavras, identificado ao seu sintoma. Ele pode ser definido como um sintoma na civilização. É o que quer dizer identificar-se ao sintoma. Assumo o risco de dar minha própria definição. O processo analítico tem o efeito didático de nos tornar parceiros cativos do real. Posição sintomática que nos impele a receber nossos analisandos em análise. O sintoma devém a lei do amor analítico, que regula nosso desejo e nosso gozo.

Nesse pequeno trabalho quero exercitar essa hipótese. Tomo alguns fragmentos da minha experiência como analista para dar testemunho do laço estreito entre a angústia do analisando e a angústia contra transferencial do analista. O ato interpretativo coordena-se à queda do objeto a e ao advento do desejo do lado do analisando.

Um objeto *Mirabolante*

Mira tem 40 anos³, é economicamente independente e me procura uma primeira vez, quando estava às voltas com embrulhos amorosos *mirabolantes*. Há dois anos chegara ao Rio de Janeiro, deixando para trás a família de origem. Envolveu-se com um homem que ela diz que é muito rude e, lamenta não ter nenhuma afinidade com ele. Esse encontro entretanto ensejou uma gravidez inesperada. Ela me diz não desejava esse homem e que por isso começou a namorar um colega de trabalho. Fico espantada! Por essa razão, comento sem disfarçar minha surpresa: - grávida de um, namorando o outro?

Com muita naturalidade, para meu espanto ainda maior, ela completa esse cenário incrível, acrescentando que o colega em questão, era casado. Não, não é uma novela da Globo! Reajo inquieta ao fato de que nada disso desperta nela o menor sentimento de pudor. Conta

³ Esse caso foi muito deformado para não permitir, de modo algum, o reconhecimento da identidade da analisanda.

que o namoro com o colega não deu certo porque ele preferiu continuar ao lado da mulher. Sozinha, grávida, ela aceita morar com o pai do seu filho. Logo depois do nascimento da menina, separam-se definitivamente.

Ela me conta ainda que foi casada, quando era muito jovem, não cheguei a saber nesse primeiro momento porque tinham se separado. Sobre seu mal-estar na vida amorosa, ela me conta sua própria interpretação fantasmática. Lembra-se que em torno de cinco anos de idade, de mãos dadas com o pai, ela o olhava cheia de admiração. Percebe, então, o olhar enciumado de sua mãe que a fulmina, e com uma voz muito áspera, censura seu pai que não vê a malícia precoce dessa criança.

Temos então três elementos: a) a rivalidade de duas mulheres pelo objeto fálico e idealizado em oposição à cegueira do pai no campo do olhar b) a voz enciumada e áspera da mãe sobre um fundo de silêncio cúmplice entre a menina e seu pai c) a suposta malícia da menina que, na repetição, contrasta com sua infinita presunção de inocência.

É sobre o terceiro ponto que incide meu ato. Avalio que ela corre perigo. Sua vida está em cacos. Apresso-me em conter seu empuxo feminino à devastação. Interrogo sua posição subjetiva de vítima nas armações ilimitadas de seu destino. Eu lhe pergunto: - nesta cena, então, é do seu desejo que se trata? Ela me responde: - como assim? eu era apenas uma criança. Insisto: - uma criança não é sujeito de desejo? Ela falta às sessões e decide interromper a análise.

Eu não esperava revê-la nunca mais. Em minha avaliação dessa brusca interrupção da análise não dei crédito suficientemente à potência dos efeitos do real, em jogo no desejo do analista. Quando volta a me procurar cerca de três anos depois, fico sabendo que à interrupção da análise comigo, seguiu-se um afastamento do Rio de Janeiro. Ela voltou para sua cidade natal e alguns anos depois decide retornar ao Rio.

Queixa-se, agora, de que se sente muito desanimada, os desencontros da vida amorosa a decepcionam, gasta dinheiro demais e está sempre atrasada no trabalho. Falta seguidamente às sessões, o que me obriga a decidir a cada vez se a abandono, ou se a procuro e insisto que ela venha. Dá muito trabalho engajá-la no tratamento analítico. Ela falta. Eu ligo.

Remarcamos a sessão. E ela falta novamente. Esse ciclo se repete e avançamos aos trancos e barrancos.

Certa vez, depois de uma rodada desse tipo, eu lhe digo, num tom sem esperança: - ah! foi muito difícil encaixar você nesse outro horário e você faltou novamente! Ao que ela respondeu imediatamente: - então, você se cansou de mim e vai desistir. Eu não hesito em lhe dizer: - de fato, sustentar sua análise é trabalhoso e cansativo. Venha!

Foi preciso que esse esforço ultrapassasse o limiar suportável, para que eu percebesse a manobra hábil dessa mulher para que eu a deixasse cair como um caco. Ela já havia me contado algumas coisas sobre sua relação com sua mãe. Uma mulher bonita, casada com um homem invejado, bem sucedido e muito requisitado. Vestia-se com esmero, sem perceber que a filha a invejava muito. Desta filha parecia esperar o impossível. Sempre muito crítica, não deixava passar nenhuma ocasião de lhe fazer restrições, claro, sempre com a melhor das intenções: a de ensinar-lhe como se comportar. É isso mesmo. De boas intenções, o caminho do inferno está ladrilhado! Para essa filha, a voz de sua mãe tornou-se um objeto onipresente. Ela se auto observa constantemente. Nesses momento, apaga-se como sujeito diante do objeto, reduzindo-se a uma voz na consciência que comenta seu comportamento, sua forma de se vestir, suas atitudes no trabalho, na relação com a filha única e com os homens. Ela se reduz apenas a uma voz que diz para si mesma: você não faz nada certo, é por isso que nenhum homem vai querer você...

Intervenho sobre o segundo ponto: - essa fala não é sua, essa voz é de sua mãe. Responde, surpresa: - como isso é possível? Nós não nos falamos quase nunca! O fracasso em separar-se do Outro materno, a impele a repetir um mesmo circuito auto erótico: instituir um Outro, evitá-lo, e se fazer expulsar.

A extração desse objeto voz, sob o qual o sujeito estava esmagado, deu novo impulso à sua análise. No lugar da oscilação entre queixar-se de sua infelicidade e criticar-se pelo seus erros, ela interroga um fragmento enigmático de sua história.

Conta que casou-se aos 21 anos com um rapaz bonito, inteligente de boa família. Eles se amavam e eram felizes. Então, ela conheceu um outro moço e envolveu-se com ele. Um

certo dia, seu marido descobriu graças a um descuido dela própria, que ela tinha um caso. Ela havia deixado na gaveta de seu quarto um pequeno bilhete amoroso do seu amante. Ele separou-se dela. Ela consentiu, pois acreditava que seu envolvimento com o outro rapaz era uma prova de que ela não amava mais o marido.

Minha intervenção incide agora sobre o campo do olhar. Eu lhe pergunto; - porque foi preciso punir-se tão severamente por um pequeno deslize? Ela me responde: - eu não sei... achei que estava apaixonada ... que o casamento tinha acabado.

Observo que na cena fantasmática da infância ela não se vê como desejante. É sua mãe quem diz que ela é uma criança maliciosa. Ao trair o marido com outro rapaz, ela arranja os acontecimentos para ser flagrada e, novamente, sai da cena mais uma vez como a menina mal falada, marcada como aquela que não presta. Ela foi a vítima de um olhar materno que a difama na primeira cena, e permaneceu ignorando a parte que lhe cabia nesse enredo até o desfecho do primeiro ciclo de sua análise. Observe-se que sua reivindicação fálica, não subjetivada, deu lugar a uma personalidade “criminoso por causa do sentimento de culpa” na vida adulta. O impossível apagamento de sua condição de sujeito desejante, sob a voz imperativa de sua mãe que a designa como culpada, a impele no sentido de uma multiplicidade de atuações transgressivas com a finalidade de punir-se, para lavar essa mancha que não para de pulsar.

Será preciso separar-se da condição de objeto falado pela voz de sua mãe e assumir sua condição de ser falante. O surgimento de uma recordação indica um pequeno deslocamento na sua posição subjetiva. Lembra-se que numa certa época seu pai tinha uma amante. Ela mesma teria visto os dois juntos certa vez. Sabe que o casamento de sua mãe não era perfeito. Ele trabalhava demais. Ele a deixava sempre sozinha. Era um Deus! Mas para que serve um marido tão invejável? Essa é a ponta de uma separação possível do desejo do campo escópico do objeto fálico, invejado e impossível.

Um reencontro com seus pais, algum tempo depois, é a ocasião ideal para que entre novamente em cena essa infernal triangulação: pai, mãe e filha. Sua mãe desfecha incessantemente uma grande quantidade de acusações. Seu pai parece nada perceber, não a defende, não intervém, não se posiciona. Mira, por sua vez, não perde tempo. Retoma uma

rotina de festas e outros compromissos sociais, alimentando as fantasias de sua mãe sobre sua, supostamente, trepidante vida amorosa.

Durante um violento bate-boca, ela apela para a intervenção do pai. Ele vem em socorro de sua mãe. Mira arruma suas coisas e volta para sua casa, decidida a romper definitivamente com sua mãe. Essa ruptura, finalmente, é a resposta que a apazigua. Esse ato lhe permite nomear o real em jogo entre ela e sua mãe. Ela me diz: - ela é louca! Porque meu pai não faz nada? Porque ele não a leva ao médico? Ela precisa de análise.

Eu me apresso em lhe perguntar: - O que é que te faz pensar que seu pai tem condições de lidar com sua mãe?

O efeito dessa intervenção é o de sustentar seu encontro com algo impossível de resolver. Ela ganha uma certa margem de liberdade em sua relação à voz louca da mãe que a parasitava. Afinal, se seu pai não dá conta de sua mulher, porquê a filha poderia fazê-lo?

Esse desfecho indica muito bem que mais além do enredo edipiano, e da reivindicação fálica, reina soberano o continente negro da feminilidade. O olhar e a voz revelam ser mais primitivos que o seio, o cíbalo e o falo. Em sua relação ao insondável desejo de sua mãe, essa mulher conformou sua subjetividade a uma concha, que reverbera em eco, infinitamente, o grito silencioso da angústia de sua mãe.

Breve comentário sobre os lugares do analista

A lógica das minhas intervenções é do analista como parceiro sinthoma. No primeiro momento de formulação de sua demanda, ao me trazer seu fantasma, eu procuro introduzi-la na experiência de análise. É o tempo de lhe dizer: você também deseja!

Depois, quando ela retorna, faço eco à sua angústia. Ela me evita, me faz esperar, não vem. Eu não sei do que se trata mas, ostento infinita disponibilidade e paciência com sua hesitação. Nesse ponto, a contra transferência me instiga a não abrir mão do meu desejo. O primeiro circuito se fecha com um : todo mundo deseja, eu também!

O desejo do Outro está em jogo quando intervenho suprimindo a carência do Nome do Pai, e reforçando sua função de interdição. Eu a separo da voz na consciência, resto de sua indiferenciação ao desejo de sua mãe. Essa voz não é sua!

A extração do objeto como causa do desejo do campo do olhar, permite separá-la da imagem cativante do marido perfeito que um dia ela teria tido e deixado escapar, bem como da imagem mortificante da menina maliciosa aos olhos de sua mãe. A imagem narcísica é furada. Nesse momento, trata-se de subtrair o excesso superegóico dizendo: ninguém é perfeito!

Finalmente, ela pode nomear o objeto em jogo na relação com a mãe. É como uma descoberta inesperada que ela me diz: minha mãe é louca! Porquê meu pai não leva ela ao médico?

O circuito se fecha quando eu lhe digo que talvez ele não dê conta de regular sua mãe. Porque ela, filha, deveria fazê-lo então? A conclusão é óbvia. As fixações nos objetos no campo da voz e do olhar foram o recurso que ela teve para suprir o que faltaria á sua mãe.

Mais uma vez a psicanálise triunfa em provar que a reivindicação amorosa da menina ao pai, oculta o laço inesquecível com a mãe. Mais uma vez, foi possível verificar porquê um homem é, para uma mulher, pior que um sintoma: uma aflição. Porque o verdadeiro parceiro- sintoma na vida de muitas mulheres é o desejo da mãe.

BIBLIOGRAFIA

Coelho dos Santos, T. O psicanalista é um sintoma, in: Latusa numero 11, EBP/RJ, 2006, pags. 57-72

----- Versões lacanianas dos amor analítico in: Opção Lacaniana, Revista Internacional de Psicanálise, 2007, numero 48, pags 99-105

_____ Lições sobre a queda do objeto a na experiência analítica in: Latusa numero 12, 2007 pags. 47-58

Lacan, J. (1963/64) Le Séminaire Livre X, L'Angoisse, Paris, Seuil, 2003

_____ (1968/69) Le Seminaire Livre XVI, D'un Autre à l'autre, Paris, Seuil, 2006

----- (1969/70) Le Seminaire Livre XVII L'envers de la psychanalyse, Seuil, 1991

_____ (1972/73) Le Seminaire Livre XX, Encore, Paris, Seuil, 1975

----- (1975/76) Le Seminaire Livre XXIII, Paris Seuil, 2005

Miller, J. A (2006/07) Curso de Orientação Lacaniana, proferido no quadro do Département de Psychanalyse de Paris VIII traduzido e publicado em Opção Lacaniana, Revista Internacional de Psicanálise: numeros 44, 45 e 46.